

***Gil Vicente. Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu***

Exposição: Museu Nacional do Teatro e da Dança,  
26/10/2023-28/04/2024

Curadoria: José Camões e Javier Huerta Calvo

Catálogo: Lisboa, Museu Nacional do Teatro e da Dança,  
2023

Imenso Gil Vicente

*Quadros de uma Exposição, de Mussorgsky/Ravel*

Ocorre-me uma composição musical; *Quadros de uma Exposição*, do compositor russo oitocentista Modest Mussorgsky. Este é um conjunto de dez peças para piano que vão percorrendo as salas de uma possível exposição, ora parando, ora *promenando*. A orquestração posterior desta obra, feita nos anos 20 do séc. XX por Ravel, amplia e fala com pompa e mais som do tema da exposição que servira de mote inicial. Adiciona dimensões, cores, elementos. Será como se fôssemos de uma experiência a solo (no piano) para algo maior, coletivo, imenso (na orquestra). Percorremos as metáforas do compositor russo que compõem a exposição, a sós (pelo piano) ou entre muitos (com a orquestração).

Proponho que o mesmo se passou com a exposição dedicada a Gil Vicente, inicialmente mais pequena (em Almagro, Espanha) e imensa, depois, no Museu Nacional do Teatro e da Dança (Lisboa). Serão as mesmas linhas e sentidos, porventura, mas com uma impressionante orquestração. Vou concentrar-me na imensidão sentida.

*Exposição minha, que esperas tu?*

Esta exposição foi, então, gigante. Uma exposição que vivia e propunha tempos e que agora encerrou. Uma só visita não a esgotava, mas corria o risco de esgotar o visitante.

Será o equivalente a ler de fio a pavio o livro das obras de Gil Vicente, a *Compilação*. Penso que devemos interrogar esta exposição com o mesmo sentido de obra feita. Que esperar da maior mostra alguma vez feita sobre o teatro de Gil Vicente? Em primeiro lugar, penso que será inquestionável a necessidade de uma exposição assim.

### *Um teatro para exposição*

Gil Vicente significa um momento único na história do teatro, de uma era e de dois países. Vicente traduz o teatro peninsular de Quinhentos e quase todas as formas teatrais do final da idade média. Dramaturgo e fazedor de teatro único ao serviço da corte de D. Manuel I e D. João III entre 1502 e 1536. Inova e serve-se da tradição. Reescreve os géneros medievais, brinca com mitologias, é crítico e ortodoxo, inventa enredos, festas, elogios, aparatos cenográficos, músicas, alegorias, metáforas e novas maneiras de fazer teatro. É um artesão do teatro, com oficina que transforma o visto e lido em texto e cena. A sua arte oficial ainda refunde o já escrito (e representado) em texto melhor. Publica pouco em vida sob a forma impressa, mas representa ou faz representar perto de quarenta peças. Deixa um livro, a *Compilação de Todas as Obras de Gil Vicente*, publicado postumamente pelos filhos. Dito isto, é inquestionável a oportunidade de uma exposição acerca de Gil Vicente.

Contudo, levantam-se logo sérias inquietações. Como expor estas décadas quinhentistas de invenção e reinvenção de teatro? Desconhecemos quem fez, como fez, se vestiu, falou, moveu nos textos vicentinos. Como fazer uma exposição que fale deste teatro? Como falar deste teatro que ficou sobretudo em livro? Como falar de um outro tempo teatral, escrito e feito de vozes, gestos, espaços e múltiplos corpos para nós anónimos? Além da importância de Vicente no seu tempo para a História do Teatro, é igualmente relevante que seja nos nossos dias o autor mais representado em Portugal, entre

nomes nacionais ou internacionais, modernos ou antigos. A exposição que pudemos ver no Museu do Teatro e da Dança responde de modo muito interessante às questões e dificuldades inerentes. A palavra *tempo* será crucial para apreciarmos o muito que foi feito e mostrado.

*Dois tempos em exposição ou um teatro em exposição permanente*

A Exposição *Gil Vicente. Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu* fala do nosso tempo. Este ponto deve ser frisado e explicado. Ainda que seja acerca de Vicente, trata-se de uma exposição do teatro do nosso tempo. Vejamos.

*Gil Vicente. Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu* oferece a expressão das duas dimensões de Vicente: o seu lugar na história do teatro peninsular e a sua representatividade no nosso tempo. A esmagadora maioria da exposição exhibe uma recolha de encenações de textos vicentinos do século XX e do XXI, tanto portuguesas (em maior número), como espanholas. Oferece assim o que faltava à sua vida quinhentista: vozes, gestos, espaços e múltiplos corpos. Vemos salas e salas com os vestígios materiais deste teatro que se faz, que se fez, com tudo que rodeia o corpo que fala. Percorremos as salas e as centenas de elementos são um coro eloquente do lugar gigante de Vicente na sua expressão moderna, imensa, proporcionalmente imensa. Vemos assim um teatro que afinal sempre esteve, à nossa frente, *em exposição permanente*. O que nos transmite a mostra é que nas nossas cidades, décadas, teatros, encenadores, atores, temporadas, programações, festivais, Vicente tem estado sempre aqui, em cena. No Portugal de Quinhentos e aqui, agora. Neste século e meio e há quinhentos anos. Dois tempos, portanto. Percebemos na exposição as novas encenações, os novos corpos, as novas cenas em vídeos, figurinos, objetos, desenhos. As peças, as palavras, situações ou temas serão de Vicente, os corpos, sentidos, ações são já do nosso tempo. Do tempo vicentino

vemos instrumentos musicais, pinturas, cancioneiros musicais e exemplares da *Compilação*, livro (descubro afinal) de pequena dimensão para tão grande teatro. O principal da exposição não será o tempo em que este teatro *fora* inventado. O principal, portanto, será o nosso tempo, o tempo em que este teatro é reinventado. Mostra-se a vida atual deste teatro: as companhias, as cenas (em vídeo e fotografia), as cenografias (em esboços e alguns exemplos, como o trono utilizado na emissão televisiva do «Monólogo do Vaqueiro»), os figurinos.

Com tudo isto se mostra a imensa variedade vicentina com alguns destaques, e diferentes interpretações (no sentido lato) das mesmas peças.

### *Escolhas e limitações (e ilimitações)*

Retomo o termo *imenso*. A exposição, para falar de um gigante, é igualmente avassaladora. Salas e salas, dezenas ou centenas de elementos, vários andares com Vicente em tecidos, pintura, som, imagens, textos, objetos e um nunca terminar. O conhecido embate no desconhecido. A novidade atropela e, como numa festa, sentimos que encontramos muitas caras familiares, vozes de gente do passado, e é-nos apresentada uma multidão. Recordaremos os nomes ou as relações desta gente toda? Mesmo para um vicentista medianamente informado, a exposição surpreende. E avassala (palavra que tem ressonâncias cortesias). Como pode o visitante integrar a multidão que não se distingue, que atrai e clama todo o teatro que está por trás do nome Vicente?

O visitante sente que é preciso trinchar. Penso em Konstantin Stanislavski que, no seu livro *Preparação do Ator*, oferece uma ideia, um paralelismo. Para digerir um texto dramático, imenso emaranhado de assuntos e ações, como com um assado grande a servir e comer, temos que trinchar, cortar em pedaços mais pequenos. Estes "fragmentos" são servidos, ainda na mesma ideia comensal, com molhos, temperos, sendo vital a imaginação, de modo a estarem comestíveis, por um lado, e

saborosos, por outro. Reparemos que o autor russo falava de uma abordagem criativa à análise de textos dramáticos, que o ator teria a interpretar. Stanislavski adverte que, depois desta divisão e análise, há-que conseguir refazer um todo. A exposição *Gil Vicente. Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu* precisa de ser «trinchada» no sentido que Stanislavski lhe dá. No Museu é-nos dado precisamente o instrumento para o fazer: a brochura de poucas páginas. Esta indica-nos a anatomia expositiva, permite um percurso mental e físico, ajuda a dialogar (virtualmente) com os comissários e com a sua ideia da exposição. Creio que a limitação da mostra em ser ilimitada (à primeira vista) fica assim resolvida. Precisamos sempre de um guia que nos permita dividir o imenso. Pela brochura vamos fazendo a visita e divisão, tal como na obra de Mussorgsky, parando e andando. Apreciamos a caracterização em tempos, como "Tempo de Deus", "Tempo de Prazer", "Tempo do Além"; em tópicos, como "Um teatro para a corte", "A cerimónia teatral e os seus protagonistas", "O diabo dá cabo do teatro" e ainda em géneros: "Moralidades", "Comédias e Tragicomédias", "Farsas". Temos ainda outras partes, como aquela que dá expressão a "Artes e outros Artistas" no que recriaram de Vicente. O Museu Nacional do Teatro e da Dança tem vários andares e é amplo nas suas salas. A exposição ocupava todo o espaço e ocupava também, arrisco dizer, todos os media: fotografias, máscaras, vídeos, sons, figurinos, livros, textos, instrumentos musicais. A proveniência de todos estes documentos, registos e objetos era também múltipla. Foram recolhidos a dezenas de grupos, companhias e criadores.

### *Materialidade e imaterialidade*

Além da mostra material e temática, a Exposição promoveu iniciativas: um colóquio, com a publicação das suas comunicações, e ainda um conjunto de conferências feitas em transmissão *online*. Mas foi o mapeamento bastante exaustivo e quase ilimitado, que considero o mais valioso. Foi mostrar

esse Gil Vicente de hoje que se faz, que se fez. A exposição criou um percurso temático, cumulativo no tempo: tempo de Vicente. Por salas, pela imensidão, pela exorbitância.

### *Livro meu, que esperas tu?*

Esta Exposição é/foi a mais completa e atualizada recolha iconográfica acerca do teatro vicentino de que se tem notícia. Por fim, publicou o Catálogo com reproduções fotográficas e ensaios originais. O Catálogo testemunha a dimensão visual da exposição, em cerca de oitenta páginas que reproduzem, a cores, muito do material exposto: figurinos, maquetes, desenhos, pinturas e algumas fotografias.

Encerrou-se a exposição, os percursos e as atividades ficaram no tempo em que aconteceram. Só resta o livro, o Catálogo. Curiosamente, no mesmo movimento de Vicente, cujo teatro se faz e depois se encerra no *Livro das Obras*. No prólogo em que Vicente dedicava a D. João III, quando ainda preparava o livro para publicar, diz: «Livro meu, que esperas tu?». Esta exposição encerrou-se também em livro, num Catálogo. O Catálogo fixou os pontos onde nos detínhamos, os «quadros da exposição». Sem o tempo, sem a *promenade*, o percurso, os Tempos. Os ensaios, como o Colóquio e o ciclo de Conferências, reúnem especialistas e alguns vicentistas de várias gerações, com a virtude ibérica de se publicar em português e em espanhol. Em livro fica a memória do feito e das dimensões: fazem falta as vozes, os atores em cena, as salas do Museu cheias de testemunhas do teatro contemporâneo com esse mote.

### *Exposição minha, que esperas tu?*

*Gil Vicente. Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu* foi a orquestração gigantesca de elementos teatrais em torno de Gil Vicente e do seu teatro vivo. Retomo a interrogação inicial, mas aponto a sobrevida da exposição.

Que esperar *agora*, após o seu encerramento, da maior mostra alguma vez feita sobre o teatro de Gil Vicente? O Catálogo dá uma ideia do que foi recolhido, mas o percurso pelas salas foi o tempo. Precisamos, para ver Vicente na sua invenção e reinvenção, do tempo, do imenso, daquilo que está para lá do livro. Precisamos da visita.

Esta exposição, recolha maior dos dois teatros de Gil Vicente (o dele e o nosso) deveria ser uma exposição permanente. Porventura, não materialmente a mesma, mas na forma de *visita virtual* ao Museu Nacional do Teatro e da Dança.

O mesmo já se faz por essa Península Ibérica digital fora. Em *La memòria de les arts efímeres. Documentar el passat per construir el futur de les arts escèniques*. o Museu de les Arts Escèniques (Catalunha) torna uma exposição em visita 3D. (<https://openhaus.app/view/wKX509mn0EL/?cha=610>).

Percorremos salas, vemos figurinos, lemos textos expostos. A exposição virtual catalã tem a palavra *futur* no seu subtítulo. Para construir o futuro, diz lá, de modo resolutivo e estimulante. Entendo que no nosso futuro ibérico precisamos, resolutamente e em permanência, de ver como Gil Vicente esteve entre *Portugal e Espanha nos primórdios do Teatro Europeu*.

No final de *Quadros de uma Exposição* retoma-se o tema inicial. Na versão orquestrada, temos tudo em triunfo. Foi uma festa de som. Irregular, surpreendente, ora *piano*, ora *fortíssimo*. Grande. Imensa. Como a real exposição de que tentei falar até aqui.

Nuno Meireles<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical / Instituto Politécnico do Porto.